

EVANGELIZAÇÃO E HERMENÊUTICA

(ST-26, Congresso Brasileiro de Evang.)

Enio R. Mueller

A hermenêutica compreende o que se pode chamar de processo de interpretação, sendo, a rigor, parte integrante do dia-a-dia de todos. O simples ato de ouvir alguém e tentar compreender o que diz é um exercício de hermenêutica. À parte da ciência que assim é chamada, todos somos hermeneutas.

A nossa preocupação aqui será com a hermenêutica bíblica, a interpretação das Escrituras, e a sua relação com a evangelização. Evangelização, em síntese, é a comunicação de alguma mensagem de uma pessoa para outra, com o objetivo de que esta a aceite e se posicione em relação a ela. Evangelização cristã é o anúncio das boas notícias de que Deus, em Jesus Cristo, oferece a todo homem o perdão dos pecados e a reconciliação com Ele mesmo. É o anúncio do senhorio de Cristo, que, tendo morrido pelos pecados da humanidade e ressuscitado dentre os mortos, vive agora nas esferas celestes, reinando como Senhor do universo. Este anúncio, de que o universo todo e a humanidade toda estão debaixo da sua autoridade, convoca todos a deporem as armas e se submeterem concretamente ao novo governador. Por enquanto, isso se num nível de aceitação voluntária e de transformação da natureza humana, por estar ali a causa última da rebelião contra Deus em que o universo todo foi envolvido. Futuramente, essa autoridade absoluta de Jesus Cristo há de se manifestar de forma visível e todo-abrangente, estendendo a reconciliação com Deus a todas as esferas que

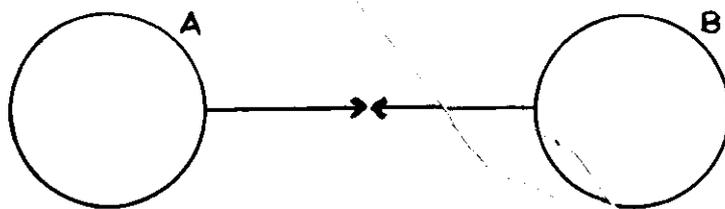
hoje a ela resistem, vítimas da catástrofe que sobre o mundo se abateu em consequência do pecado do homem.

Todos perceberão logo que tal definição de evangelização já pressupõe a aplicação de princípios hermenêuticos determinados à mensagem bíblica. Poderíamos, então, definir a relação entre evangelização e hermenêutica num primeiro momento como sendo esta última um estágio preliminar, um pré-requisito da evangelização. A hermenêutica interpreta e aclara a mensagem que será anunciada. Uma evangelização íntegra e coerente depende, então, de uma hermenêutica que igualmente o seja. Num segundo momento, poderíamos falar de uma hermenêutica que facilita, propicia e impulsiona à evangelização, dando por assentado que nem sempre isso ocorre. Nesse sentido, podemos falar de hermenêutica evangelizadora.

Após analisarmos rapidamente o que poderíamos chamar de "processo hermenêutico", convido-os a lançar uma vista de olhos à realidade da igreja brasileira, tentando vislumbrar como se pratica aí a interpretação das Escrituras. Feito isto, passaremos então a um exame do que está envolvido no processo hermenêutico, terminando com a nossa proposta em termos de uma hermenêutica compatível com a mensagem bíblica e com a realidade brasileira.

1. O PROCESSO HERMENÊUTICO

Envolvidos no processo hermenêutico estão o que na linguagem mais técnica se designa por "dois horizontes", ou seja, o universo daquele que falou ou escreveu e o universo daquele que ouve ou lê. Poderíamos sintetizar isso com a seguinte figura:

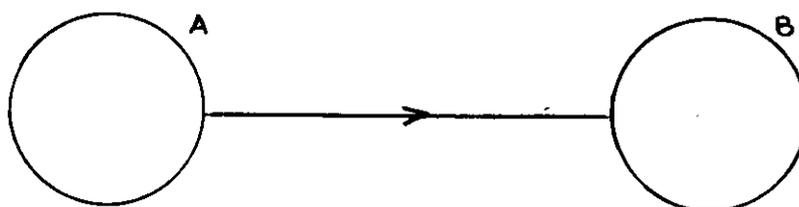


O círculo à esquerda representa o que fala, e o da direita o que ouve. Estão separados entre si deixando claro que se trata de entidades distintas. A distância entre elas pode ser maior ou menor, dependendo de uma variedade de fatores. A linha entre os dois representa a comunicação, e a flecha dupla mostra que esta se dá em duas vias. Fala-se em "horizontes" para evidenciar que não são duas entidades desencarnadas as que entram em interação, mas duas pessoas localizadas dentro de universos que não podem ser abstraídos do processo. O processo hermenêutico compreende, então, a comunicação inteligível entre as duas pessoas ou realidades.

2. A HERMENÊUTICA BÍBLICA NO MEIO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Tentar sintetizar em poucas palavras um assunto tão amplo e complexo é uma ousadia, mas temos que fazê-lo para podermos compreender um pouco melhor o que se passa.

Poderíamos, pensando em termos de igreja evangélica brasileira, falar em duas tendências que, além de fazerem parte integrante da história da interpretação bíblica, não são privilégio exclusivo nosso, fazendo-se sentir em toda parte. De um lado, temos o que se poderia chamar de "hermenêutica intuitiva", que compreende o processo de forma bastante simples. A seguinte figura pode ajudar:

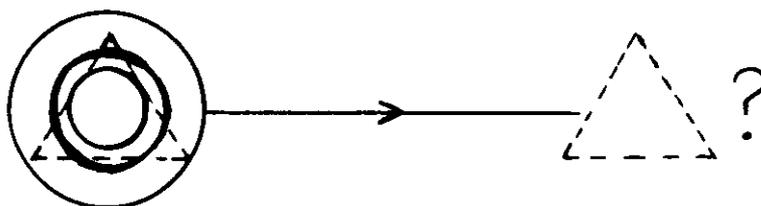


A flecha em uma só direção talvez seja o que mais caracteriza tal compreensão. A comunicação é entendida como sendo algo direto, aquele fala lá e este entende aqui. $A=B$, ou seja, supõe-se que o ouvinte possa assimilar a mensagem de forma íntegra e completa.

Uma hermenêutica intuitiva é largamente praticada

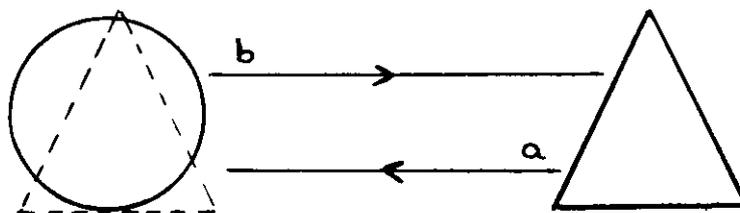
em nossas igrejas, trazendo no seu bojo uma maior ou menor desconsideração para com os aspectos culturais envolvidos no processo. Em parte, todos procedemos desse modo nas nossas leituras bíblicas devocionais. Todavia, se o ministério do ensino na igreja for levado a depender dele, evidenciam-se alguns perigos. A história da interpretação bíblica e a das divisões entre as igrejas estão permeadas de exemplos onde interpretações diretas com conclusões antagônicas levaram a problemas e mais problemas dentro do corpo de Cristo. Uma radical e até certo ponto falsa dependência do Espírito Santo para a compreensão do texto bíblico é característica desse tipo de interpretação.

Por outro lado, começa a se fazer sentir de maneira cada vez mais forte em nossas igrejas evangélicas o que se poderia chamar de "hermenêutica crítica". Praticada primariamente em alguns dos educandários teológicos mais liberais, vem dotada de um forte cunho academizante, o que a torna muitas vezes incompreensível aos não-iniciados. Fruto de um modelo teológico importado, concentra-se fortemente no estudo do texto em seu horizonte histórico. Infelizmente, apresenta-se mesclado com pressuposições teológicas no mínimo questionáveis, que tendem a diluir a inspiração e a autoridade dos escritos bíblicos. Estes são muitas vezes tratados como meros documentos históricos, e a sua pertinência para a realidade do intérprete depende em grande parte dele próprio. Como a gente quase nunca sabe a qual das "camadas" do texto o intérprete vai aferir mais importância, o resultado no fundo fica sendo uma incógnita. Poderíamos ilustrar o processo da seguinte maneira (estando conscientes de haver nessa figura um certo exagero):



Os círculos concêntricos à esquerda querem representar o resultado das análises literárias tão preponderantes nesse tipo de estudo bíblico. O ponto de interrogação à direita não significa "nada", mas sim que a conclusão poderá depender de diversos fatores extra-texto. Sabemos que esta figura representa uma caricatura, mas visa destacar as características dessa abordagem. O triângulo representa a mensagem permanente, abstraída do contexto cultural.

Uma terceira tendência, mais forte no catolicismo romano, mas que começa também a ocupar espaços nas fileiras evangélicas, é a hermenêutica que se relaciona com a Teologia da Libertação. Partindo de premissas bastante semelhantes às da abordagem existencialista, na qual uma determinada filosofia ou cosmovisão é usada como chave hermenêutica, a Teologia da Libertação inverteu o processo clássico dos estudos bíblicos, dando primazia ao horizonte do intérprete. Este está particularmente confrontado com problemas do seu tempo, no caso, a luta do povo pobre e oprimido pela sua libertação sócio-política. As Escrituras são então abordadas na busca por textos e por uma leitura que seja confirmadora da prática já assumida pelos intérpretes. Munidos de uma chave hermenêutica bem definida, a luta de classes, os textos são perguntados pelo que de relevante têm a oferecer para incentivar o processo de libertação dos pobres e oprimidos. O sentido original do texto é muitas vezes distorcido por esse tipo de interpretação, nisso residindo um dos seus principais problemas. A seguinte ilustração pode ajudar:



O triângulo à direita representa a luta concreta do intérprete dentro do seu próprio horizonte. A flecha "a" indica o questionamento que é dirigido ao texto. O triângulo superposto ao círculo (o círculo representa a Escritura) procura representar a mesma luta que, segundo o intérprete, pode ser vista no texto bíblico. A flecha "b" representa a aplicação de tal texto assim interpretado para dentro da realidade do intérprete.

Para encerrar essa parte, queremos enfatizar que os desenhos têm propósitos didáticos, não sendo possivelmente encontrados de forma pura em lugar algum. Representam antes tendências que se fazem sentir, e devemos estar conscientes da interação entre tais abordagens, e da ampla gama de variações que dela podem surgir na vida real.

Antes de passar para uma proposta hermenêutica concreta, nos deteremos ainda um pouco para analisar alguns fatores que são condicionantes e limitantes no processo hermenêutico, para podermos compreender melhor que a tarefa da interpretação bíblica é um pouco mais complexa do que às vezes imaginamos.

3. FATORES CONDICIONANTES NO PROCESSO HERMENÊUTICO

Além dos problemas históricos e culturais que são condicionantes no lado do horizonte bíblico, devemos estar muito atentos para o fato de que o intérprete das Escrituras a elas se acerca de dentro de um universo que o condiciona fortemente. Isso quer dizer que não somos leitores neutros, testemunhas objetivas, mas que somos limitados pelo que somos e pelo meio em que vivemos. É certo que se pode exagerar tais fatores, o que muitas vezes efetivamente tem ocorrido, mas deixar de prestar atenção a eles significa se expor a desvios na interpretação que podem ter conseqüências sérias, uma vez que a mensagem bíblica trata de assuntos vitais para o homem.

O primeiro desses fatores é o que designamos em termos latos de cultura. Estão incluídos a língua do in-

térprete, a sua cosmovisão, a sua educação, a psicologia do seu grupo étnico e do povo em meio ao qual vive, e outros elementos mais. Pode-se perceber logo que tudo isso limita e ao mesmo tempo condiciona a interpretação de tudo que ele ouve ou lê. O segundo fator é a tradição eclesiástica. Não aprendemos o nosso cristianismo num vácuo, e sim dentro de determinada denominação ou grupo religioso, no qual somos impelidos a ver certas coisas dentro de certos ângulos, e isso certamente se reflete na nossa compreensão do texto bíblico. Por exemplo, um luterano está propenso a ver em certos textos, como Marcos 10.13-16, uma referência ao batismo de crianças; um pentecostal muitas vezes não consegue compreender direito o que Paulo quis dizer em 1 Coríntios 14.19, onde dá a entender que seria bom que para cada palavra em línguas na congregação se falassem duas mil palavras em bom português! Por outro lado, batistas e presbiterianos, só para exemplificar, sentem um pouco de dificuldade diante de textos como Atos 2.44,45 e 4.34,35. E assim por diante. O terceiro fator condicionante na hermenêutica bíblica seria a atitude do intérprete. Sempre se soube que a simpatia para com o objeto de estudo é importante para a própria compreensão devida desse objeto. Fazendo um jogo de palavras, poderíamos dizer que, tão importante como é a descoberta do "Sitz-im-Leben" (lugar vivencial) do texto é o "Sitz-im-Glauben" (atitude de fé) do intérprete. A abertura para a ação do Espírito Santo é importante, uma vez que as próprias Escrituras indicam de antemão que isso é importante para quem queira compreendê-las como querem de fato ser compreendidas (João 16.13; 1 Coríntios 2.12-16). A disposição à obediência igualmente o é, sendo isso claramente dito em João 7.17. A maturidade espiritual também pode ser aqui referida, conforme os diversos textos que falam de um discernimento em consonância com a profundidade da experiência espiritual (p. ex., 1 Coríntios 13.11,12; 2 Coríntios 3.18; 1 João 3.2; Salmo 84.7a, etc).

Uma consciência de tais fatores condicionantes é importante para o processo hermenêutico, e algo muito

necessário dentro da igreja evangélica brasileira. Uma vez que estamos apercebidos deles, podemos tentar exercer um controle sobre eles, e até empregá-los de forma criativa no estudo bíblico. Não estar consciente deles, ou não admiti-los, pode ser uma porta aberta para desvios na interpretação, um falso autoritarismo e divisões entre os crentes. Que o Senhor, pelo seu Espírito, nos dê humildade e discernimento!

4. A NECESSIDADE DE UMA HERMENÊUTICA CONTEXTUAL, DENTRO DA REALIDADE BRASILEIRA

A partir do que vimos até agora, creio que estamos numa posição um pouco mais vantajosa para tentarmos propor um tipo de hermenêutica que leve em conta os fatores condicionantes que acabamos de analisar, procurando utilizá-los de forma criativa; que procure aprender e assimilar o melhor das três tendências que observamos dentro da igreja brasileira. Podemos defini-la como "hermenêutica contextual", por procurar levar a sério os dois contextos da Palavra: o dos escritores bíblicos e o dos leitores contemporâneos. Essa abordagem respeita e valoriza o papel da pessoa do intérprete, está consciente do seu próprio marco cultural e da sua tradição eclesiástica; leva a sério o estudo histórico do texto, uma vez que ele é uma entidade encarnada dentro de um processo histórico e cultural específico, sendo que dentro desse marco histórico é que a mensagem eterna de Deus foi consignada. Precisamos, então, aprender a distinguir entre os elementos no texto que são, digamos, a roupagem cultural, e a mensagem propriamente dita. Precisamos também estar conscientes da nossa própria cultura, revestindo a mensagem da Palavra com ela (é claro que temos que discernir entre aspectos positivos e aspectos negativos da nossa própria cultura; estes últimos, quando são contrários à mensagem bíblica, não poderão ser feitos veículos da mesma). Essa proposta hermenêutica leva a sério também os aspectos positivos de uma hermenêutica mais intuitiva, como a ênfase em que as Escrituras devem ser lidas e estudadas por todos, e que a convivência com a Pa-

lavra cria uma grande afinidade para com a sua mensagem. Por fim, procura aproveitar também os elementos positivos das novas abordagens existencialistas e da Teologia da Libertação, como a ênfase na leitura bíblica com o propósito de obter indicações e respostas a problemas contextuais dos leitores.

Gostaríamos de destacar, então, alguns aspectos importantes dessa proposta hermenêutica:

a) Deve levar em conta a auto-compreensão dos escritos bíblicos. A crítica bíblica muitas vezes tem falhado nisso. Por arrogante que pareça ser, as Escrituras se apresentam como palavra de Deus revelada aos homens, e até que haja provas em contrário devem ser tratadas da forma como elas mesmas pedem para ser tratadas. Este é um dos primeiros princípios de uma boa hermenêutica. A Bíblia, se lida com isso em mente, mostra um grau de unidade digno de nota para um livro de composição tão diversa e tão prolongada. Presume desde o início uma grande autoridade para falar de coisas ligadas à religião humana, e especificamente a relação do homem com Deus e vice-versa. Presume ser inspirada por um Deus soberano, que tem os seus próprios critérios e as suas próprias motivações, e que criou e governa o universo todo. Se não levarmos tudo isso em conta, já começaremos a falhar desde o começo.

b) Bastante ligado ao aspecto anterior, temos a questão da "chave hermenêutica". Todos lemos a Bíblia a partir de determinadas chaves, como por exemplo a convicção de que Deus fala pela Palavra e falará para nós hoje, orientando-nos sobre como devemos viver neste mundo dentro da Sua vontade. Já vimos que a Teologia da Libertação opera com a chave da luta de classes, e de que o Deus bíblico é o libertador histórico dos pobres e oprimidos, libertação compreendida primariamente, e às vezes até exclusivamente, em termos sociológicos. Estamos conscientes de que absolutizar uma chave determinada representa um reducionismo que deve ser evitado. Contudo, temos que analisar as chaves com que lemos a nossa Bí-

bíblia, para não correr o risco de obrigá-la a dizer só o que queremos que ela diga. Aproximamo-nos dela com uma determinada questão em mente, e forçamos os textos a se enquadrarem dentro da nossa perspectiva. Esse é um risco, vale dizer, que todos corremos, não só os teólogos da libertação ou os existencialistas. Se a Bíblia mesma pudesse evidenciar uma chave ou algumas chaves que segundo ela própria abrem para nós o seu conteúdo, seríamos ajudados. O tempo aqui é curto para uma análise mais profunda dessa questão, mas sugerimos, com diversos teólogos contemporâneos, que a perspectiva do Reino de Deus e do seu cumprimento é central para a auto-compreensão bíblica, sendo uma chave para se ver os textos à luz do todo, e a relação entre os diversos textos, o elemento impulsionador que leva adiante essa história singular que as Escrituras nos contam. A consciência desse aspecto pode nos ajudar no auto-questionamento e auto-controle, bem como trazer criatividade e novas luzes à leitura bíblica.

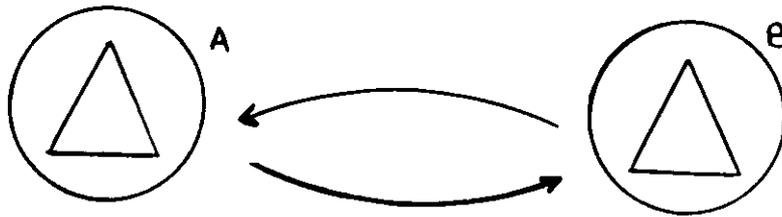
c) A questão cultural. Tanto a mensagem bíblica como os seus intérpretes têm o seu entorno cultural. A contextualização da mensagem é um grande desafio para a igreja brasileira, em boa parte fundada por missionários de além-mar, que muitas vezes não estavam apercebidos do problema cultural, pregando uma mensagem revestida da sua própria cultura e origem, criando com isso vários tipos de problemas na aceitação da mensagem bíblica pelo homem brasileiro. Igualmente implicada aqui está a busca por uma leitura da Bíblia a partir da realidade e das necessidades e problemas do povo brasileiro.

d) Com tudo isso, vemos que se estabelece, no processo de interpretação das Escrituras, o que chamamos de "círculo hermenêutico". O processo todo é compreendido como um intercâmbio em mão dupla entre os dois horizontes que dele participam, o bíblico e o contemporâneo. Diversos fatores entram no círculo de ambos os lados, mediados ainda pela história da interpretação, que nos faz lembrar que não somos os primeiros a estudar a Pala-

vra de Deus. Ocorre então uma espécie de diálogo permanente entre os dois pólos, ora partindo de cá, ora de lá, o homem de hoje se expondo ao texto, o texto sendo focalizado pelos problemas do homem de hoje e a eles respondendo, o texto dirigindo-se diretamente à nossa realidade. O processo poderá começar em vários lugares, e temos que ser abertos e não-dogmáticos quanto a isso. A absolutização de uma determinada abordagem só gera empobrecimento e afunilamento na percepção da riqueza da Palavra, e uma imposição externa que certamente lhe é opressiva. À medida em que a interação entre Palavra e ouvinte vai se dando, vai acontecendo o que se costuma chamar de "fusão de horizontes". A barreira (espacial, cultural, temporal e espiritual) que os separa começa a diminuir, até que, parafraseando Karl Barth, "a Palavra fale lá e o homem de hoje escute aqui, tornando-se impossível uma separação entre ontem e hoje". Isso em termos ideais, pois a compreensão absoluta de um texto não está ao nosso alcance, mas sim a busca por se chegar a uma fusão o mais completa possível.

e) Ligado a isso, podemos agora analisar o papel do Espírito Santo no processo hermenêutico, que é de grande importância. Poderíamos dizer que o Espírito atua como uma espécie de catalizador no processo, um "facilitador de fusão". O Espírito é o elemento comum, tanto na Palavra como no intérprete, possibilitando uma comunicação a um nível único. Já pudemos ver a sua importância quando falamos sobre a atitude do intérprete. Essa é a razão por que muitas vezes uma pessoa simples, mas com vivência espiritual, capta melhor o sentido de um texto bíblico do que um exegeta profissional não afeito às realidades do Espírito. A moderna crítica bíblica tem muitas vezes perdido de vista esse elemento, que dentro da auto-compreensão bíblica é de vital importância para a Hermenêutica.

Poderíamos tentar resumir essa proposta hermenêutica numa figura, que ao menos aproximadamente pudesse exprimi-la:



O triângulo dentro dos dois círculos representa a mensagem bíblica, atemporal, revelação de Deus, da qual se diz que passará o céu e a terra mas ela não passará, que tem o mesmo caráter de Jesus Cristo, sendo ontem, hoje e amanhã a mesma. A proposição, então, é transferir essa mensagem de forma íntegra do horizonte bíblico (círculo à esquerda), com a sua forma de expressão cultural, para o horizonte do intérprete (círculo à direita, diferente do esquerdo!), também este com a sua própria expressão cultural. $A \neq B$. As flechas em ambos os sentidos indicam o processo de interação entre os dois horizontes que torna possível esse traslادamento da mensagem do círculo da esquerda para o da direita. Nele entram os elementos que mencionamos acima, todos com participação criativa no processo.

5. UMA HERMENÊUTICA QUE VALORIZA TODO O CONSELHO DE DEUS

Não poderíamos deixar de falar nisso, quando vemos uma realidade em que a fragmentação se tornou um elemento comum nos estudos bíblicos. É a velha história do "cânon no cânon". Uma análise mais profunda vai demonstrar que isso não é um privilégio da teologia luterana, mas que todos nós introduzimos sutilmente um processo de seleção de mensagem no nosso manuseio da Bíblia. Concordamos em tese (e com que ardor muitas vezes!) em que toda a Bíblia é inspirada, e condenamos os que dizem que ela contém a Palavra de Deus. Isso nos parece uma redução que chega à heresia. No entanto, na nossa prática, quão difícil é valorizar de igual modo todo o conselho

de Deus! Nele estão incluídas aquelas passagens que, se arriscamos compreendê-las segundo a sua própria intenção, não torcendo ou deformando o seu sentido simples, falam contra nós, condenando-nos, denunciando a nossa conduta e conclamando-nos a mudar a nossa mentalidade. Todo grupo religioso tem a sua seleção de "passagens favoritas" que, longe de expressar a vontade divina em sua totalidade, expressa na maioria das vezes o círculo vicioso em que tal grupo se meteu, deixando inclusive, depois de um tempo, de ouvir a voz de Deus mesmo no seu próprio cânon seletivo, tão domesticado se tornou esse, e colocado tantas vezes a serviço da ideologia do próprio grupo. O incentivo à "leitura contínua" da Bíblia, e tudo que possa ajudar os crentes a formarem uma imagem panorâmica da Palavra em suas mentes deve voltar a ocupar um lugar importante nas nossas igrejas.

6. HERMENÊUTICA E MÉTODO DE ESTUDO

Nenhum método de estudo bíblico é sagrado, e a absolutização de qualquer deles é desvantajosa. Insistimos, porém, num método que tome a sério as questões levantadas até agora, que valorize tanto o horizonte do texto como o do intérprete, e que permita ao texto uma expressão clara e poderosa dentro dos nossos dias. O chamado "método indutivo", ao nosso ver, tem boas possibilidades no nosso contexto. Uma forma simples dele é a divisão do estudo em três partes: observação, interpretação e aplicação. Na observação, o leitor é monitorado pela pergunta "o que diz o texto?". Este é interrogado de todos os ângulos possíveis, visando-se esclarecer o seu significado básico. A interpretação pergunta "o que quer dizer o texto?", ou o que ele quis dizer para o seu próprio tempo. Procura-se aí o âmago da mensagem, tentando compreender o que o autor queria comunicar aos seus ouvintes. Poderíamos chamar isso de "sentido original". O terceiro passo seria a aplicação, com a pergunta "o que quer dizer o texto para nós hoje?" Estão incluídos aí a meditação sobre a compreensão atual do assunto que o texto aborda, e quais são as diferenças entre a compreensão

do assunto no horizonte bíblico e no nosso. Nessa reflexão vemos em que a compreensão bíblica desafia e quer transformar a nosa própria. Segue-se uma aplicação "homilética" do texto, tendo-se sempre em vista três grandezas para dentro das quais a Palavra quer falar: o indivíduo, a igreja e a sociedade. O resultado de todo estudo bíblico tem que ser sempre transformações concretas motivadas pelo impacto da Palavra dentro de nossa realidade.

Poderíamos apresentar formas mais elaboradas em termos de método, mas para os propósitos de agora, cremos que essa, se aplicada consistentemente, já poderá nos ajudar. E cada pessoa ou grupo pode construir as suas próprias variações.

7. UMA HERMENÊUTICA COMUNITÁRIA

Urge que aprendamos novamente a ler a Bíblia como comunidade cristã, comunidade do Reino. A Palavra de Deus surgiu no seio do Seu povo, e a sua história muitas vezes se funde com a experiência da sua apreensão por parte desse mesmo povo. Isso significa, por um lado, que devemos ler a Bíblia com os olhos voltados para a história do povo que a tem lido por todos esses séculos, apropriando-nos dessa herança e entrando em diálogo com aqueles que hoje, espalhados pelos quatro ventos, estão fazendo o mesmo. Por outro lado, significa literalmente que a leitura da Palavra deve ser sempre mais uma experiência comunitária. Todos que têm experimentado a riqueza e o alargamento de horizontes que representa ler e estudar a Bíblia em conjunto com irmãos podem avaliar a importância do que estamos dizendo. A minha leitura pode ser checada e grandemente enriquecida pelo diálogo fraterno, e pela busca comum da iluminação e da sabedoria do Espírito de Deus, pela disposição comum de deixar a Palavra renovar nossas vidas e nossas igrejas. A experiência da primeira comunidade, no livro de Atos (2.42,47), dos irmãos que juntos "perseveram na doutrina dos apóstolos" quer ser repetida sempre de novo na história. E assim talvez

o Senhor também hoje começará a acrescentar ao nosso grupo, dia a dia, aqueles que serão salvos (v.47).

8. CONCLUSÃO

Uma igreja evangelizadora tem que ser forte na Palavra. A busca por uma compreensão clara e o mais ampla possível da mensagem bíblica de salvação se torna imperiosa para o sucesso qualitativo de todos os nossos esforços evangelísticos. Não temos o direito de inventar a mensagem, ou adaptá-la aos nossos gostos particulares, diminuí-la ou ampliá-la segundo os desmandos do nosso próprio tempo. Deus conceda à sua igreja homens conscientes e íntegros, corajosos e sábios, para que a sua mensagem possa ser transmitida e vivida entre nós com inteireza e com poder! Um estilo de vida profundamente bíblico dentro das igrejas é o maior desafio missionário que temos pela frente neste final de século. Missionário, sim, porque a força de vidas e comunidades que espelham no seu dia-a-dia o "Deus amou o mundo..." é a mais poderosa arma evangelística que podemos ter nesse mundo.

Que o Senhor conceda ao seu povo pastores, profetas e mestres que sintam, vivam e reflitam sobre a realidade do povo brasileiro, seminários e faculdades teológicas em que os estudantes não sejam impelidos a buscar respostas a perguntas que nem são as nossas, a solucionar problemas que talvez nunca teriam passado pela nossa cabeça, não fossem trazidos de fora para dentro, consumindo tempo e energia preciosos num mundo em que a cada minuto morre gente sem conhecer o evangelho de Cristo, e desviando as nossas mentes do que certamente deveria ocupá-las. Somos chamados a desenvolver uma hermenêutica evangelizadora, um estudo da Palavra motivado e voltado para as realidades concretas do nosso próprio povo, e visando transformar essa mesma realidade, colocando dentro dela sinais do Reino que vem.

A história da igreja, e em particular a história dos grandes avivamentos religiosos, têm demonstrado a

estreita conexão entre a busca e redescoberta da mensagem bíblica em suas dimensões mais amplas e o reavivamento espiritual. A Reforma do século XVI, da qual nestes dias nos lembramos de modo especial, é um testemunho eloqüente desse fato. Irmãos, vinte séculos nos ensinam isso, e certamente na nossa geração não será diferente. O reavivamento por que todos ansiamos e pelo qual oramos fervorosamente, há de vir junto com o tomar a sério a mensagem bíblica e a sua interpretação criteriosa para dentro da nossa realidade, e seu ensino dedicado e dentro de horizontes largos, a sua pregação com entusiasmo e com poder. Que o Senhor nos abençoe nessa tarefa, e nos dê a unção do seu Espírito, para que o Brasil e o mundo possam ouvir a sua voz de forma clara e nítida nestes anos da graça que nos separam da sua manifestação plena, visível e completa entre nós!